

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PROJECTO DE “RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA ANTA DO CARRASCAL” (AGUALVA, SINTRA)

Patrícia Jordão<sup>1</sup>, Pedro Mendes<sup>2</sup>, Cláudia Relvado<sup>3</sup>

## RESUMO

A Anta do Carrascal (Sintra), Monumento Nacional, foi alvo de um Projecto de Recuperação e Valorização desenvolvido pela Câmara Municipal de Sintra. Na sua vertente arqueológica, pretendeu-se principalmente esclarecer as características construtivas, caracterizar a mamoa e o corredor e escavar os alvéolos de modo a permitir a movimentação dos esteios. Foi possível reposicionar seis esteios, conformando uma planta mais próxima da original, e assinalar o perímetro do *tumulus*. Com as sondagens confirmou-se também que esta anta foi escavada no rególito do substrato calcário, cujas diaclases condicionaram a orientação do sepulcro. Foi ainda recolhido algum espólio osteológico e arqueológico inédito, incluindo um fragmento de xisto gravado. Finalmente, a Anta do Carrascal foi recuperada e pode agora ser usufruída pela população.

**Palavras-chave:** Megalitismo, Antas de Lisboa, Arquitectura pré-histórica, Conservação.

## ABSTRACT

Anta do Carrascal (Sintra), a National Monument, was the object of a Recovery and Valorization Project developed by Sintra Municipality. The main objective was to clarify its constructive characteristics, to characterize the mound and the corridor and to excavate the sockets, to allow the movement of the stones. It was possible to reposition six orthostats, conforming a plant closer to the original, and defining the perimeter of the *tumulus*. With the surveys it was also confirmed that this dolmen was excavated in the regolith of the limestone substrate, whose diaclases conditioned the orientation of the tomb. Some unpublished osteological and archaeological remains were also collected, including a fragment of engraved schist. Finally, Anta do Carrascal was restored and can now be enjoyed by the population.

**Keywords:** Megalithism, Lisbon dolmens, Prehistoric architecture, Conservation.

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar do valor patrimonial da anta do Carrascal, classificada como Monumento Nacional – sob o nome de “Anta de Agualva” – através de Decreto de 16 de Junho de 1910, encontrava-se ao abandono, pressionada por um denso substrato arbustivo de *Quercus coccifera* (carrasco). Este ponto verde correspondente à área protegida foi entretanto cercado pelo tecido urbano.

No sentido de requalificar o monumento e a área envolvente, que permitisse interromper o acelerado processo destrutivo e, ao mesmo tempo, propiciar a fruição pública deste bem patrimonial, foi promovido pela Câmara Municipal de Sintra (CMS) um Projecto de Recuperação e Valorização. Em 1994 iniciou-se um trabalho de avaliação do sítio, por Teresa Simões (CMS). Nesse ano foi realizada uma sondagem numa zona da mamoa e efectuado o levantamento topográfico da anta. Em 2015 foi final-

1. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra); pjordao73@gmail.com

2. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra); petrusmendes@gmail.com

3. Deptº de Biologia, Universidade de Évora; Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS); claudia.relvado@gmail.com

mente criado o “Programa de Recuperação e Valorização da anta do Carrascal” (PRVAC), que incluía as vertentes de Arqueologia, Conservação e Restauro e Musealização (Arquitectura Paisagística).

A presente intervenção decorreu precisamente da execução do PRVAC, e teve lugar entre Junho de 2016 e Março de 2017. Incidiu logo na primeira fase do Projecto, tendo em vista a caracterização estrutural do sepulcro - localização original dos componentes estruturais e estabelecimento do perímetro do sítio. Nas fases subsequentes, quer em articulação com a Conservação e Restauro – orientação da movimentação de esteios – quer acompanhando as modificações do terreno, decorrentes da Valorização Paisagística, no sentido de garantir a integridade do conjunto monumental e da área envolvente.

O dia 6 de Abril de 2017 marca oficialmente a conclusão da execução do PRVAC com a abertura à comunidade do conjunto patrimonial arqueológico e natural.

## 2. BREVE ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO, GEOMORFOLÓGICO E GEOLÓGICO

A anta do Carrascal localiza-se na povoação de Agualva, União das freguesias de Agualva e Mira Sintra, distrito de Lisboa (Figura 1), e tem as seguintes coordenadas geográficas (WGS 84): N38° 46' 24" W9° 17' 13".

Está implantada a 158m de altitude, junto à margem Norte de um pequeno afluente da Ribeira das Jardas, na base da vertente suave de uma pequena elevação virada a Sul.

Esta região é caracterizada pela intrusão diápirica de Sintra, no Cretácico superior, que veio a formar um relevo de dureza, sob a forma de uma serra que emerge agora num planalto litoral carbonatado, recortado por linhas de água muito entalhadas. A morfologia do terreno é concordante com a sua estrutura, neste caso resultante de intrusões de rochas ígneas e de falhas/fracturas que condicionam a rede hidrográfica (Kullberg & Kullberg, 2000).

Do ponto de vista geológico, afloram na área envolvente principalmente rochas sedimentares, os calcários e margas do Albiano-Cenomaniano inferior e médio (“Belasiano” C<sub>AC</sub>) (Ramalho et al., 1993), intercalados por filões associados quer à instalação do diapiro de Sintra quer aos episódios do Complexo Vulcânico de Lisboa (Figura 2).

## 3. SÍNTESE DA HISTÓRIA DAS INTERVENÇÕES

A anta do Carrascal faz parte do conjunto das antas da região de Lisboa, monumentos megalíticos com uma cronologia entre o 4<sup>o</sup>-3<sup>o</sup> milénios a.n.e., a maior parte escavadas há mais de cem anos. Próxima das chamadas antas de Belas (Pedra dos Mouros, Monte Abraão e Estria), do monumento megalítico de Pego Longo e do *tholos* de Agualva (Figura 3A), o sítio foi identificado e escavado por Carlos Ribeiro (1880). Nos trabalhos que foram os primeiros de que há memória, o autor registou uma planta com os esteios em secção, e dois alçados, um com vista frontal e outro com vista lateral (Figura 3A e 3C). Já nessa altura o grau de destruição era evidente, notando-se a ausência do esteio de cobertura e o despojamento sedimentar da câmara, revelando que “outros exploradores se tinham antecipado” (Ribeiro, 1880, p. 69). Apesar disso, Carlos Ribeiro escavou o que restava, recuperando apenas “raros fragmentos de sílex e de vasos de barro, dentes e fragmentos pequenos de ossos humanos” (p. 69).

Só muito mais tarde, em 1944, Georg e Vera Leisner visitam a anta do Carrascal, fazendo novamente o registo gráfico (planta e alçado) e fotográfico (Leisner, 1965). Nas imagens observa-se a ausência dos esteios do corredor do lado norte e a inclinação para o interior de três esteios da câmara (Figura 3B). No alçado, Vera Leisner representa a mamoa com uma espessura que, junto ao esteio de cabeceira, parece atingir quase 1 m. No entanto, e de acordo com Rui Boaventura, não cremos que existisse à época uma espessura significativa da mamoa, uma vez que o afloramento no qual foi implantada a anta, na mesma zona, encontra-se cerca de 5 cm abaixo da superfície actual (cf. Figura 3D)

O espólio da anta de Agualva, conservado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, foi recentemente estudado por Rui Boaventura (2009). Após exaustiva pesquisa não foi possível localizar os materiais cerâmicos mencionados pelo pioneiro investigador do sítio, apenas localizar os materiais líticos (pequenas lâminas com retoque descontínuo, dois geométricos trapézios e um fragmento de lâmina espessa retocada) e osteológicos.

As datações de radiocarbono obtidas sobre dois ossos longos – fêmures – pertencentes a dois indivíduos diferentes permitiram a obtenção de dois

intervalos de tempo coincidentes – 3620-3350 cal AC (Beta-225167) e 3650-3350 cal AC (Beta-228577) – apontam para uma utilização da anta do Carrascal entre meados e os dois últimos quartéis do 4.º milénio a.n.e., o que coincide com as características arcaicas do espólio lítico exumado (Boaventura, 2009, p. 73).

Os trabalhos no sítio foram retomados em 1994 por Teresa Simões, no sentido de travar a deterioração estrutural do monumento. Foi realizada uma sondagem na mamoa, que se revelou inconclusiva, e feito o levantamento das estruturas, disponível no Centro de Documentação do Museu de Odrinhas. Nessa altura foram diagnosticadas as necessidades de intervenção arqueológica e de conservação e restauro do monumento, que serviram de base ao Projecto por nós desenvolvido.

#### 4. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

##### 4.1. Objectivos e estratégia da intervenção

O estado de degradação deste monumento megalítico era patente quer ao nível da sua estrutura - ausência do “chapéu” e de dois esteios do corredor, forte inclinação de seis ortóstatos da câmara (a única excepção era o esteio de cabeceira), forte erosão da mamoa, expondo o monumento em alguns locais quase até à rocha (como no caso do corredor) –, quer no que respeita ao seu conteúdo – câmara completamente esvaziada de sedimento, contribuindo para a forte aceleração da inclinação dos esteios ao longo do último século.

Os objectivos principais da presente intervenção prenderam-se, em primeiro lugar, com a caracterização das estruturas deste monumento megalítico, o esclarecimento das características construtivas e dimensões da mamoa e os limites concretos do corredor. Em segundo lugar, foi nossa intenção escavar pontualmente as estruturas pétreas de contenção (alvéolos) de modo a possibilitar a colocação dos esteios na posição original. Por último, procurámos reconhecer e caracterizar eventuais estruturas associadas à construção do monumento.

Para além dos trabalhos desenvolvidos sobre as estruturas sepulcrais, houve também o acompanhamento arqueológico de todas as mobilizações de terras na área abrangida pelo PRAC.

A primeira fase da intervenção no âmbito da conservação e valorização da Anta de Agualva iniciou-se com a limpeza e corte de vegetação na área a es-

cavar, prosseguindo com a escavação dos seguintes sectores: o corredor, segmento da mamoa adjacente ao corredor, a câmara funerária e as estruturas pétreas de contenção exteriores dos esteios a reposicionar. Uma vez detectada a posição original dos ortóstatos, e em estreita articulação com os técnicos de conservação e restauro, foi efectuado o reposicionamento dos mesmos, conformando a planta final.

##### 4.2. Estratigrafia

No início da intervenção observámos que a anta era constituída pelo conjunto da ossatura pétreia da câmara e da metade sul do corredor, juntamente com uma cobertura de sedimento que, supúnhamos, corresponderia ao que restava da mamoa. Logo nas fases iniciais de limpeza da vegetação detectámos que, a existir estratigrafia, estaria profundamente afectada por fenómenos pós-deposicionais, nomeadamente por processos de bioturbação provocados pelas raízes de *Quercus coccifera* (carrasco) alguns dos quais com mais de 2 m de altura. O que se veio a confirmar. As raízes que penetravam até à parte mais consolidada da rocha de base perturbavam não só a estrutura da mamoa mas também os próprios alvéolos e os esteios, afastando-os da sua posição original. Abrimos uma área com cerca de 98 m<sup>2</sup>, abrangendo o sepulcro e uma faixa em redor do mesmo. Foram imediatamente identificados os sete ortóstatos que constituem a câmara, mais um dos três que compunham o corredor, todos eles bastante deslocados, à excepção do esteio de cabeceira [3]. No decorrer da escavação identificámos os outros dois esteios do corredor, um encontrava-se tombado junto ao esteio [7] e o outro, [15], junto da entrada, integrado na U.E. 1 (Figura 4).

Foi identificado o topo mal conservado da estrutura da mamoa – U.E. 1 –, constituída por sedimento solto argiloso, castanho, com grande quantidade (60-70%) de matéria-orgânica (raízes), lixo contemporâneo (vidros, plástico, metal), pedras e blocos de calcário e material arqueológico vestigial (Figura 4). Coberta por esta unidade, a U.E. 2 (Figura 5), corresponde a uma estrutura com sedimento de matriz argilosa juntamente com pedras e blocos de calcário, com presença ocasional de seixos de quartzo e quartzo, e material arqueológico e osteológico exíguo. Esta que é a parte mais bem conservada da mamoa apresenta-se profundamente afectada por bioturbação, cujos processos são observáveis até ao interior do substrato calcário. No topo da mamoa,

junto ao segmento do corredor, verificámos a existência de blocos de calcário cujo calibre parece adequado a elementos do corredor: unidades [16], [17], [18] e [19] (Figura 5). No entanto, a sua destruição já era patente no final do século XIX, facto atestado nos desenhos de Carlos Ribeiro. Desde 1875 (cf. Rui Boaventura, 2009, p. 69), quando a anta foi escavada, a câmara ficou esvaziada de grande parte do sedimento. Todos os esteios (excepto o de cabeceira), agora sem sustentação interna, iniciaram um movimento de basculação, levantando as pedras e blocos dos alvéolos de implantação. Desta forma, sob a mamoa, registámos os processos que correspondem à mobilização destas estruturas – U.E.s 13, 20, 22 e 31 (Figura 6).

Foi possível ainda individualizar o enchimento pétreo de sete esteios, em dois na sua parte externa – U.E.s 21 e 24 (Fig. 6) – e em cinco apenas ao nível da base – U.E.s 26, 27, 28 29 e 30 (Figura 7).

Na base da estratigrafia identificámos a estrutura negativa [12], com cerca de 7 m x 5,5 m, que corta o substrato rochoso (Figura 6). Nesta depressão escavada na rocha foram “cravados” os ortóstatos que revestem o recinto tumular, escorados por pedras e lajes de calcário, colocados em cunha junto aos esteios.

#### 4.3. Espólio arqueológico

Foi identificado apenas material lítico, nas U.E.s 1 e 2 da mamoa, bastante fragmentado. Em sílex, recolheu-se: 1 fragmento de núcleo para lascas; 5 lascas, uma delas com retoque parcial, semi-abrupto, paralelo, tornando o bordo distal recto (24 x 23, 3 x 5, 6 mm), outra sem retoque (32 x 22, 7 x 11 mm) (Fig. 8A) e as restantes 3 sob a forma de fragmentos mesial, distal e fractura longitudinal (queimada); por último, 4 fragmentos inclassificáveis, queimados (Figura 8B).

Na U.E. 1 recolhemos três pequenos fragmentos de xisto polido, provavelmente todos pertencentes a uma placa gravada, pois num deles foi possível observar ténues linhas incisivas não se percebendo, porém, os motivos decorativos (Figura 8C e D).

#### 4.4. Espólio osteológico e odontológico

Foram recuperados 3 dentes permanentes e 1 fragmento de crânio de um indivíduo adulto. O material odontológico recuperado foi um 2º pré-molar inferior esquerdo, um 2º pré-molar superior esquerdo e um 2º molar superior direito. Os dentes apresentavam um desgaste ligeiro, com os pré-molares a apre-

sentarem um desgaste de grau 1 e o 2º molar um desgaste de grau 2, segundo o esquema de Smith (1984). Não foi observado qualquer indício patológico, tanto nos dentes como no fragmento de crânio.

## 5. DISCUSSÃO

Como foi referido no ponto 3., temos notícia de que a anta do Carrascal foi alvo de escavação dos seus contextos no século XIX, numa altura em que já teria sido profundamente afectada do ponto de vista estratigráfico e estrutural. Se, no tempo de Carlos Ribeiro, a câmara e o corredor ainda tinham sedimento com algum espólio e a anta conservava os principais esteios (excepto os de cobertura), em meados do século XX, Vera Leisner já observou o corredor apenas com um esteio. Menos de um século foi suficiente para que ocorresse um acelerado processo de degradação da estrutura, com o basculamento dos ortóstatos, à excepção do de cabeceira (Fig. 3), e consequente levantamento das estruturas alveolares, expresso pelas U.E.s 13, 20, 22 e 31 que isturam os elementos pétreos dos contrafortes (Figura 5).

No que respeita ao manto tumular, aparenta nos primeiros desenhos estar bastante destruído pela erosão natural mas também antrópica (Figura 9) – a escassos metros para norte foi aberta uma frente de pedreira artesanal para construção. Supomos assim que a orografia natural do terreno corresponderia a uma pequena elevação, potenciada pela construção de uma mamoa (vista de SW). Esta actividade antrópica condicionou a forma da mesma, tornando-a mais suave e criando a norte um corte abrupto. Ao contrário do registo em corte de Vera Leisner, no qual a mamoa parece chegar à cota de topo dos esteios.

Na nossa intervenção detectámos uma espessura bastante reduzida, e até uma ausência da cobertura na zona central do corredor, com exposição do afloramento calcário (Figura 9). Esta imagem confirma que os registos mais antigos se aproximam mais da actual interpretação. De facto, as U.E.'s 1 e 2 evidenciam uma fase de estabilização prolongada do solo, ao longo da qual ocorreram os processos pós-deposicionais já referidos, que provocaram a dispersão dos elementos pétreos, registados em maior quantidade à superfície, e inversão de alguns materiais arqueológicos do depósito.

Quanto à presença de espólio osteológico nestas unidades, entendemo-la como resultante de uma acção antrópica contemporânea, devido aos seguin-

tes factores: a mamoa é uma estrutura que, pela sua própria natureza, não contém enterramentos pois, a existirem, documentariam acções de deposição posterior e de tipologia diferente da de um enterramento megalítico, o que nos parece bastante improvável ter acontecido neste sítio, para mais, sem nunca ter sido detectado anteriormente; os dentes e alguns artefactos líticos encontravam-se junto ao corredor, do lado sul e norte local onde, provavelmente, os primeiros escavadores (ou os escavadores de Carlos Ribeiro) atiraram as terras do interior da câmara. Estes materiais residuais ficaram a “contaminar” a mamoa, perdendo-se a sua conexão com os enterramentos da câmara funerária.

Os escassos materiais osteológicos e odontológicos recuperados não permitiram retirar grandes informações. A ausência de elementos ósseos/dentários repetidos e o facto de não existirem grandes diferenças morfológicas ou patológicas, bem como a ausência de conexões anatómicas, não nos permitiu confirmar se o material pertencia a um ou mais indivíduos, sendo apenas possível dizer que o Número Mínimo de Indivíduos para o material recuperado é de pelo menos um.

O desgaste dentário é a perda progressiva de tecido dentário que ocorre com a vida do indivíduo (Cruwys, 1989 in Wasterlain, 2006) logo, o desgaste observado nesta amostra, sugere que o(s) indivíduo(s) era(eram) jovem(jovens) aquando da sua morte. Também a ausência de cáries e de tártaro podem estar relacionadas com a dieta ou com a morte precoce do(s) indivíduo(s) em estudo.

Acções antrópicas semelhantes parecem ter afectado os fragmentos de placa(s) de xisto (quicá de báculo), naturalmente associada(s) aos enterramentos. Este facto reforça a suposição de as terras do interior do monumento terem sido remobilizadas também para esta zona da mamoa, porém, numa fase anterior a Carlos Ribeiro (Figura 4). Recorde-se que não há registo de quaisquer fragmentos de placa de xisto (ou báculo) provenientes desta anta, o que nos leva a afirmar que os mesmos já teriam sido recolhidos, abandonando no exterior do monumento os restos do sedimento que os envolvia.

Entre os artefactos votivos, as placas de xisto ocorrem com frequência nas antas e noutras sepulturas colectivas da Estremadura. Com valor mágico-religioso, associados ao culto da Deusa-Mãe, protectora da Vida e da Morte (Gonçalves, 1992) ou, por outro lado, como defende Katina Lillios, com

um significado particular de caracterização genealógica individual ou de clã (2008), os artefactos em xisto apresentam um conjunto de decorações geométricas, algumas com características antropomórficas ou zoomórficas. Em particular na Península de Lisboa, estes objectos surgem não só na câmara mas também na área de acesso à câmara ou já no seu corredor, nomeadamente em Conchadas, Casaínhos, Pedras da Granja e Monte Abraão, podendo corresponder ou não a inumações localizadas naqueles sectores do sepulcro. A ocorrência de báculos de xisto é rara, tendo sido registado apenas um na anta da Estria (Boaventura, 2009, p. 273).

Relativamente aos restantes materiais - pedra lascada - não sabemos se poderiam estar associados à mamoa (provenientes de um contexto de sedimento remobilizado), aos contextos de enterramento ou a outras acções de utilização posterior. Todos os artefactos são em sílex, matéria-prima abundante na região e, num raio de 5 km, acessível em deposição primária. No entanto, não foi feita a caracterização da microfácies da rocha nem qualquer análise de proveniência. O facto de estarmos perante objectos bastante fragmentados de tipologia de “fundo comum”, não nos autoriza a associá-los a um contexto ou mesmo a uma cronologia particular.

A presente intervenção permitiu registar o modo de construção da anta do Carrascal, expressa na U.E. 12, justamente o interface negativo da escavação na rocha de base para a implantação da sepultura. Já o primeiro escavador, tinha observado: “Parece que aqui, assim como no solo onde estão construídos os dolmens da Estria e da Pedra dos Mouros, se buscou um solo brando atacável aos utensílios de pedra, para ali abrir não só a praça, mas os caboucos para o acomodamento e construção d’estes monumentos. Effectivamente àquela pequena eminência corresponde uma alteração profunda no calcareo duro da localidade [...] convertendo-a em [...] calcareo terroso e mole. A situação pois, e a orientação d’este dolmen estão subordinadas à disposição d’este acidente petrographico.” (Ribeiro, 1880, pp. 67-68). Tal como verificámos para as grutas artificiais da Estremadura, para além dos condicionalismos morfológicos dos afloramentos, outros factores teriam pesado na decisão de escolher um local para construir uma gruta artificial, nomeadamente, o tipo e as características estruturais das rochas. Observamos que alguns dos monumentos estão implantados exactamente no sítio onde essas discontinuidades

existem levando-nos a concluir que, provavelmente, estas seriam escolhidas para facilitar o processo de escavação das grutas. Este facto poderia ter sido um dos critérios de escolha do local exacto da construção. Neste sentido, da cuidada observação dos afloramentos rochosos seriam escolhidos aqueles que apresentassem características que simplificassem o início e o decurso da escavação (Jordão & Mendes, 2006-2007, p. 51). Uma outra forma de aproveitamento é a escolha de uma rocha que apresente estratos diferenciados quanto à coesão dos seus elementos constituintes de maneira a que os superiores sejam mais competentes e os inferiores mais frágeis. Nestas camadas mais macias são escavadas as câmaras de grutas artificiais, semi-artificiais (Idem, p. 52) e de antas.

No caso da anta do Carrascal a escavação para a sua implantação parece ter sido condicionada pelos dois factores: alteração da rocha e descontinuidade estrutural. Aqui, o rególito foi rebaixado cerca de 1 m junto ao esteio de cabeceira, diminuindo de profundidade para os 50 cm, acompanhando a inclinação natural do terreno (Figura 9). Ao mesmo tempo, foi provavelmente aproveitado o diaclasamento de modo a facilitar a sua escavação (Figura 7). Rui Boaventura corrobora esta ideia quanto às antas de Lisboa, notando que “este afundamento parcial do espaço interno tornava-se possível pois, aparentemente, eram escolhidas zonas alteradas do substrato rochoso, o que facilitava a tarefa de abertura dos alvéolos dos esteios e eventual escavação daquele espaço [...] como parece evidente na anta do Carrascal, mas também em Monte Abraão e Estria. [...] Parece existir alguma aproximação com a estratégia de escavação das grutas artificiais ou, posteriormente, dos *tholoi*” (2009, p. 190). Porém, há que distinguir o rebaixamento câmara/corredor através da escavação do substrato (Carrascal e Estria) da escavação de alvéolos de implantação de esteios, como é o caso de Monte Abraão. Em termos arquitecturais pode, dependendo da topografia do terreno, condicionar a monumentalidade do monumento.

Estas observações denotam uma atitude de observação cuidada e de oportunidade no que respeita à escolha do substrato rochosos, bem como do local de implantação dos sepulcros, o que vai ter implicações ao nível do seu impacto na paisagem e na sua orientação. Enquanto na escavação de grutas artificiais, ao tirar partido das características naturais da rocha necessariamente se condiciona a arquitectu-

ra, na construção de antas com o chão rebaixado, os *tumuli* tornam-se mais discretos, retirando-lhes monumentalidade na paisagem. Para além disso – e à partida improvável no caso das antas – parece que em alguns casos a orientação estrutural condiciona a orientação da sepultura, comprometendo a “tradicional” viragem da entrada para Nascente. O diaclasamento da rocha aproveitado para implantar a anta do Carrascal situa-se nos quadrantes NNW-SSE (e SSW-NNE), não muito longe do intervalo E/SE típico das antas do sudoeste peninsular (Hoskin, 2001). Mas, no caso da anta da Estria, a orientação ENE-WSW do corredor é concordante com a orientação dos estratos, “mais favorável à sua construção” (Boaventura, 2009, p. 336). Ambas as antas, Estria e Carrascal, têm uma implantação semelhante e uma orientação condicionada pelo substrato (Figura 10).

## 6. A ANTA DO CARRASCAL: (RE)CONHECIMENTO E DEVOLUÇÃO À COMUNIDADE

Com a classificação de Monumento Nacional em 1910, juntamente com o vizinho grupo das antas de Belas, a anta do Carrascal ganhou notoriedade e um perímetro de matagal que praticamente a abocanhou. E assim ficou até o nosso colega Rui Boaventura ter estudado o seu espólio e o seu contexto (2009). Restou-nos a tarefa final de, antes de restituir o monumento à comunidade, procurar reconstituir a estrutura original e o seu modo de implantação, interpretando o que subsistiu, num compromisso com o possível de restaurar.

Na Baixa Estremadura existe uma diversidade de soluções estruturais no que respeita às sepulturas na Pré-história recente: grutas naturais, grutas artificiais e semi-artificiais, antas e *tholoi*. A intervenção na anta do Carrascal permitiu confirmar o seu enquadramento num pequeno grupo de sepulcros característicos da Península de Lisboa, cujo chão é rebaixado. Tal como Carlos Ribeiro observou em 1880, vimos que a escolha deste tipo de implantação implicou a procura de um substrato mais brando, condicionando a sua localização geográfica. Mas, mais importante no que concerne ao conhecimento das motivações das comunidades da Pré-história recente, a opção de escavar a rocha num determinado local por vezes foi condicionada pela existência de fissuras ou diaclases, pois foram estas que determinaram a orientação da anta.

Esta aparente subordinação foi aceite como sendo mais verosímil nos casos de monumentos tardios em que se perdia um qualquer ritual de fundação (Boaventura, 2009, p. 336). Mas a anta do Carrascal contradiz essa tendência, uma vez que a sua datação é das mais antigas - no terceiro quartel do 4<sup>o</sup> milénio a.n.e. (Beta-225167) 3620-3350 cal BCE e outra (Beta-228577) 3650-3350 cal BCE - (Idem, p. 77).

A presente intervenção, quanto ao espólio, não veio alterar a imagem de cariz arcaico, sem a presença comprovada de cerâmica e com reduzido número mínimo de indivíduos ali depositados e uma aparente deposição funerária (?) no corredor, da 2<sup>a</sup> metade do 3<sup>o</sup> milénio ou já no 2<sup>o</sup> milénio. No entanto, os contextos de recolha dos restos humanos e dos fragmentos de xisto testemunham a última parte da história do sítio com a chegada dos seus descobridores/escavadores.

## AGRADECIMENTOS

Aos colegas de escavação, Ana Patrícia Madeira, José Mateus e João Luís Pedro, companheiros da árdua luta contra as raízes do carrascal.

## BIBLIOGRAFIA

BOAVENTURA, Rui (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. 1 vol. Dissertação de Doutoramento em Pré-História. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, Vítor S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ.

HOSKIN, Michael (2001) – *Tombs, Temples and Their Orientations: A New Perspective on Mediterranean Prehistory*. Oxford, UK: Ocarina Books.

JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2006-2007) – As grutas artificiais da Estremadura portuguesa: uma leitura crítica das arquitecturas. *Arqueologia & História*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58-59 (2006-2007), pp. 43-79.

KULLBERG, Maria Carla; KULLBERG, José Carlos (2000) – Tectónica da região de Sintra. In: "Tectónica das regiões de Sintra e Arrábida", Memórias Geociências, Museu Nac. Hist. Nat. Univ. Lisboa, n<sup>o</sup> 2, pp. 1-34.

LEISNER, Vera (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter Co., vol. 3, Text and Tafeln.

LILLIOS, Katina (2008) – *Heraldry for the Dead: memory, Identity, and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia*. Austin: University of Texas Press.

RAMALHO, Manuel M.; PAIS, João.; REY, J.; BERTHOU, Phillipe.; ALVES, Cristina; PALÁCIOS, Teresa; LEAL, Nuno; KULLBERG, Maria Carla (1993) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50.000 – 34 – A: Notícia explicativa da folha 34 – A Sintra*. Lisboa: Serviços geológicos de Portugal.

RIBEIRO, Carlos (1880) – *Estudos pré-históricos em Portugal. Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II Monumentos da vizinhança de Belas*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

SMITH, B. Holly (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*, 63, pp. 39-56.

WASTERLAIN, Sofia (2006) – "Males" da Boca. *Estudo da patologia oral numa amostra das Coleções Osteológicas Identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (finais do séc. XIX/ inícios do séc. XX)*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

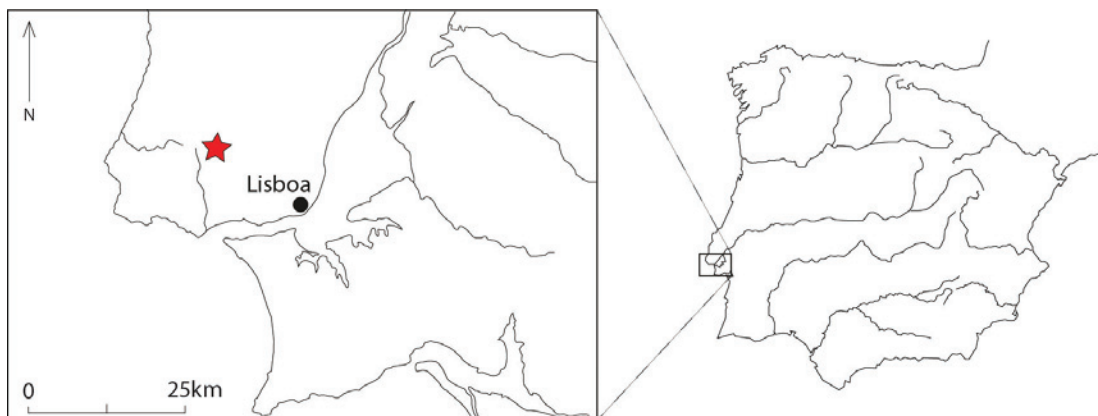


Figura 1 – Localização da Anta do Carrascal.

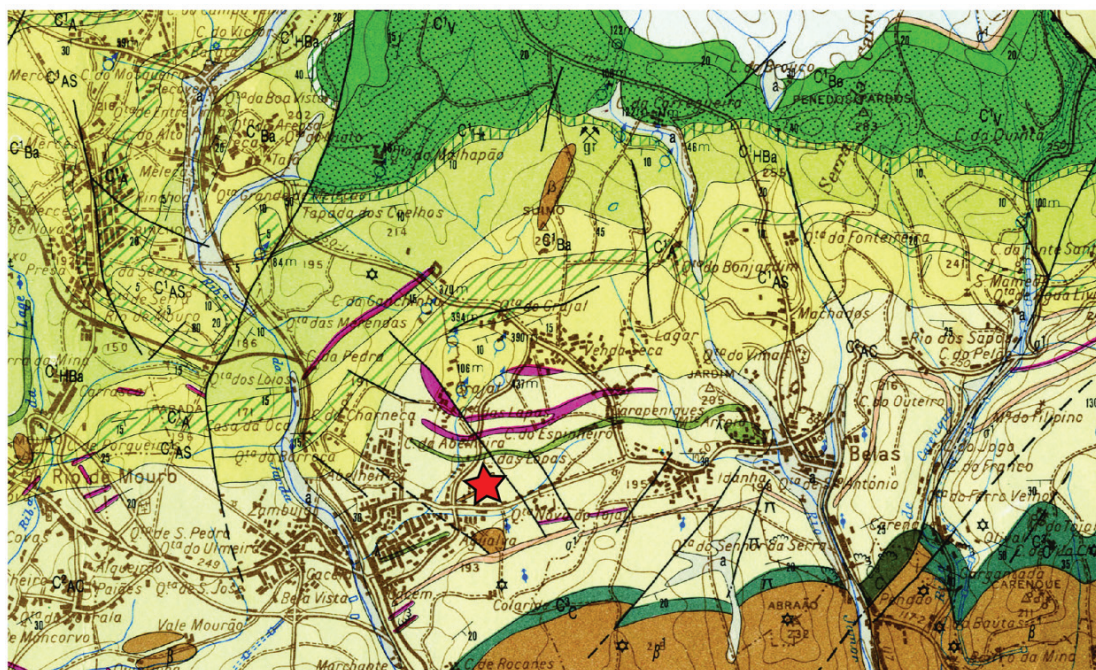


Figura 2 – Localização da Anta do Carrascal na Carta Geológica 1/50 000, folha 34C de 1993.

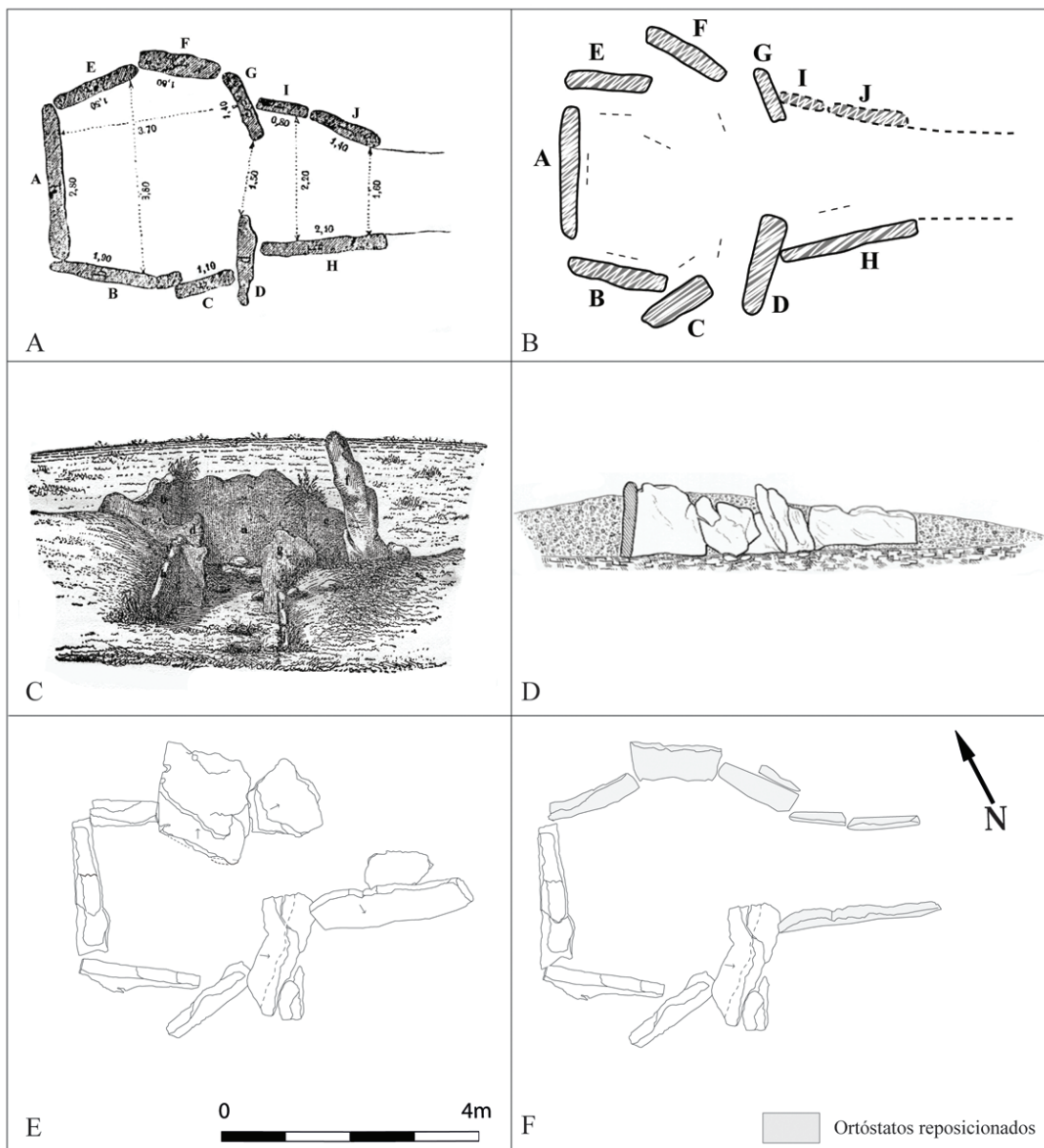


Figura 3 – Plantas da Anta do Carrascal: A – Carlos Ribeiro (1880); B – Vera Leisner (1965); C – Planta actual antes da intervenção de 2016; D – Planta actual após a intervenção arqueológica e de conservação e restauro de 2016.

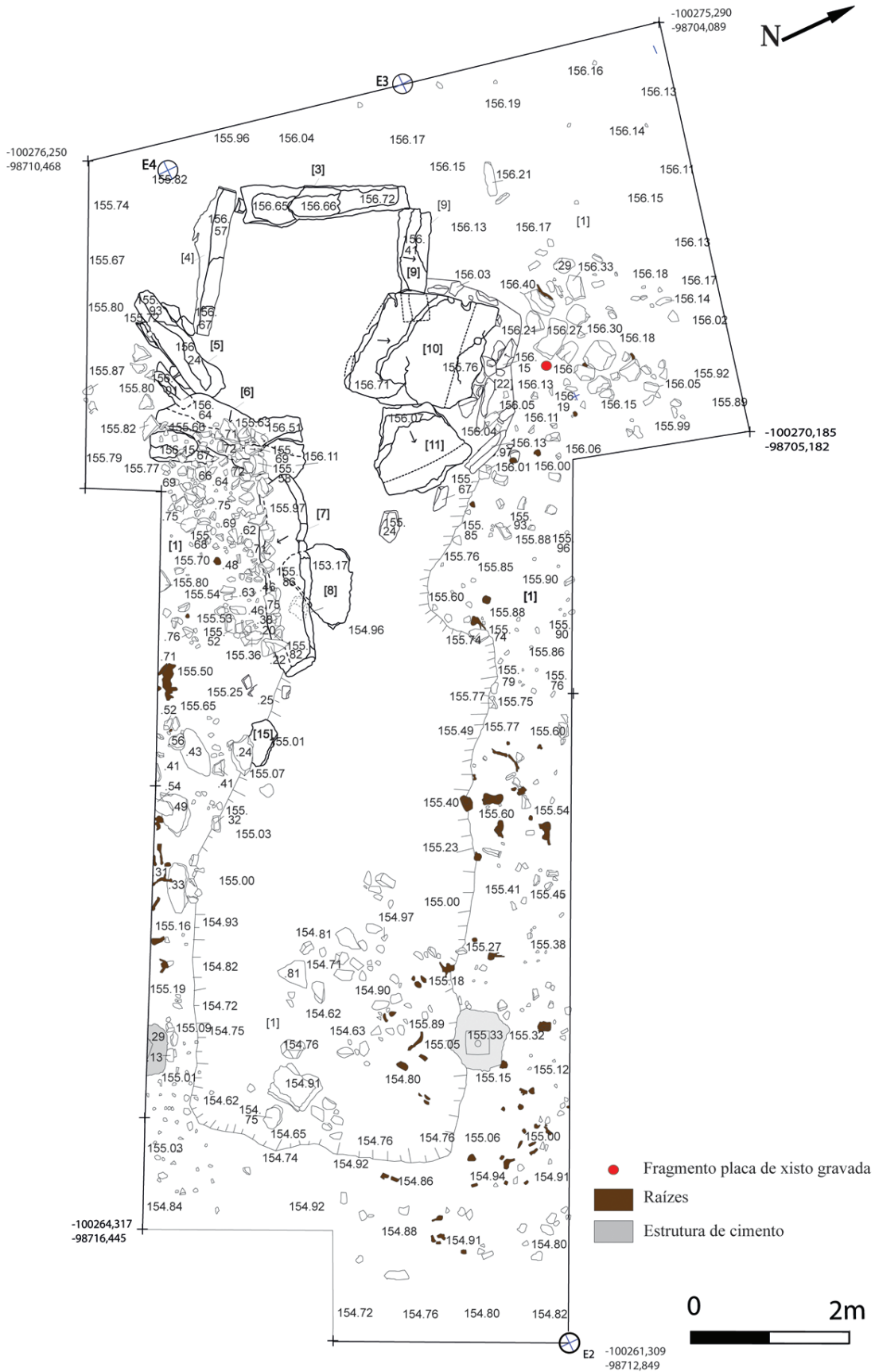


Figura 4 – Planta 1: área de sondagem na anta do Carrascal com o topo da mamoa e a estrutura da anta.

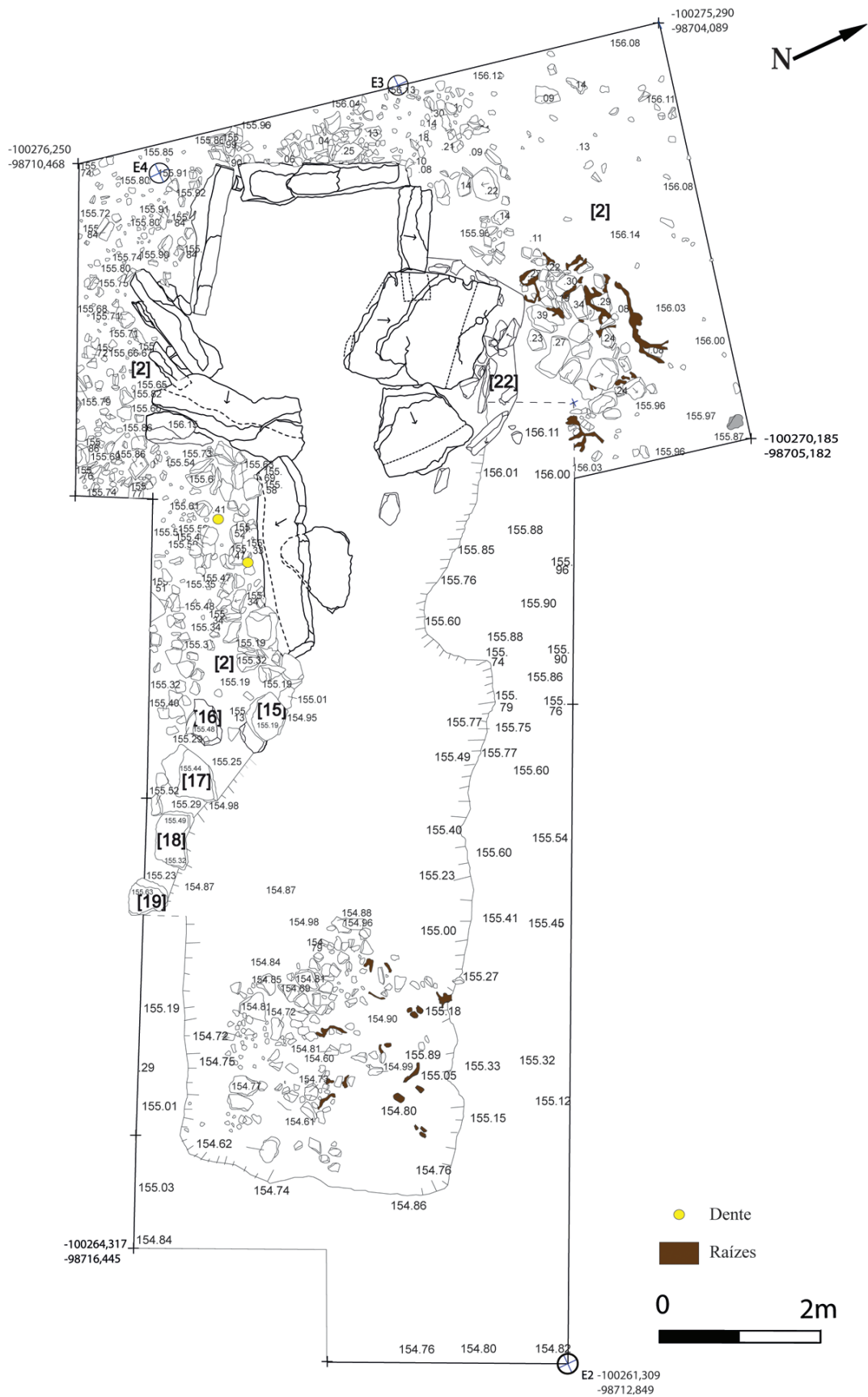


Figura 5 – Planta 2: área de sondagem na anta do Carrascal a representação da mamao.

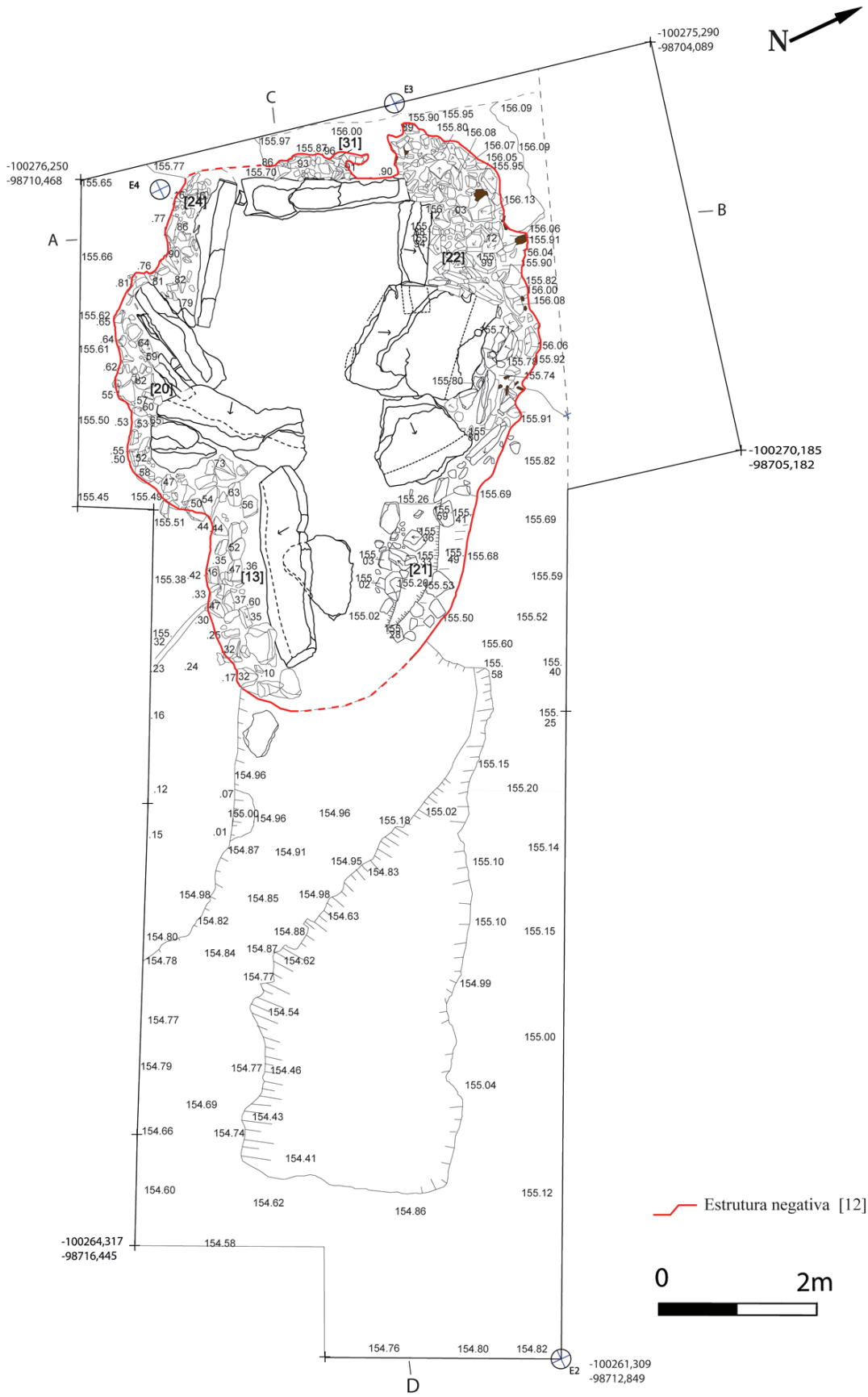


Figura 6 – Planta 3: área de sondagem na anta do Carrascal com a representação dos alvéolos e da escavação da rocha para implantação das estruturas tumulares.

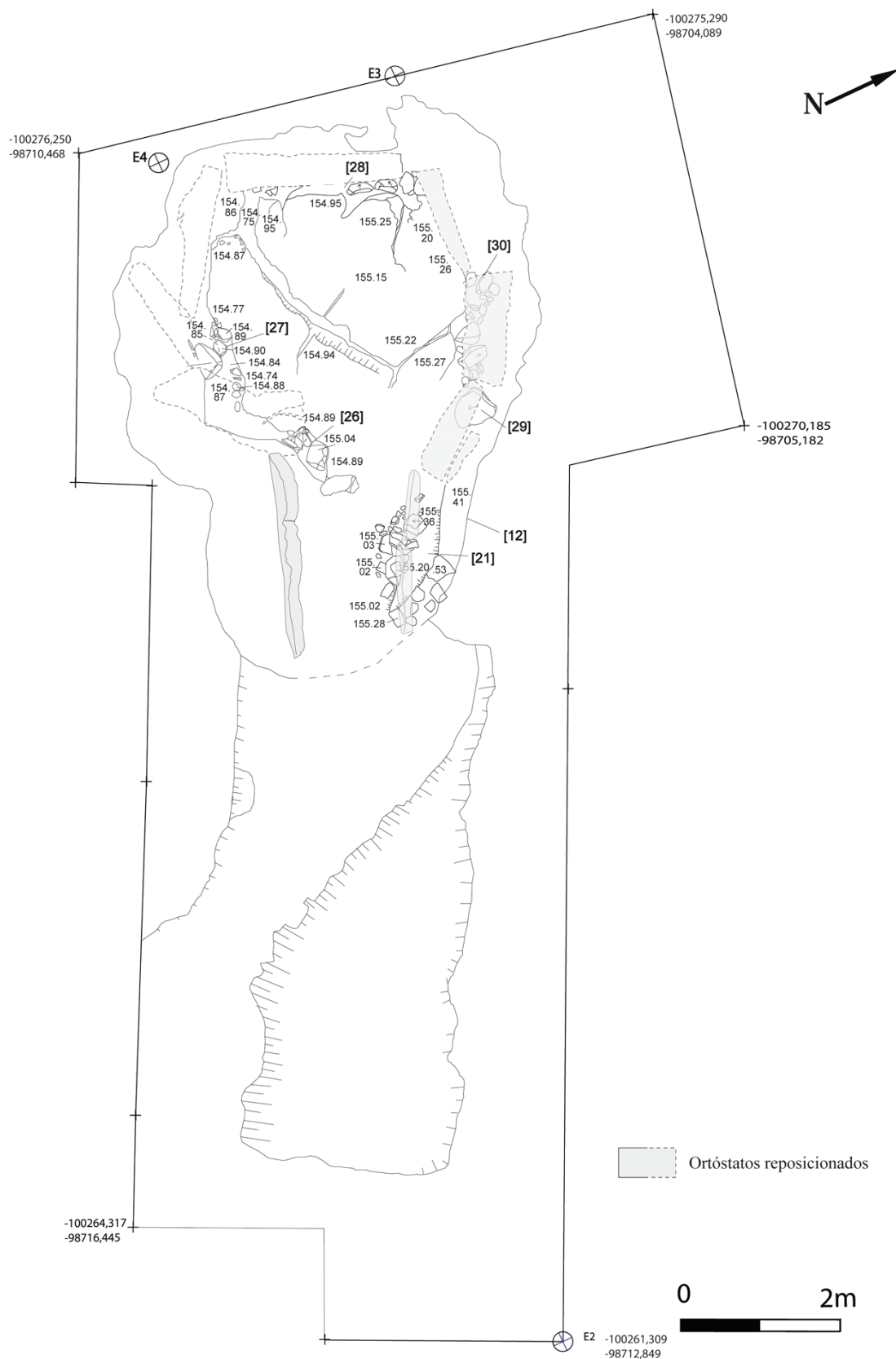


Figura 7 – Planta 4: área de sondagem na anta do Carrascal com representação da rocha de base (com diaclasmamento) na câmara e corredor e da parte interna dos alvéolos de implantação dos esteios da câmara

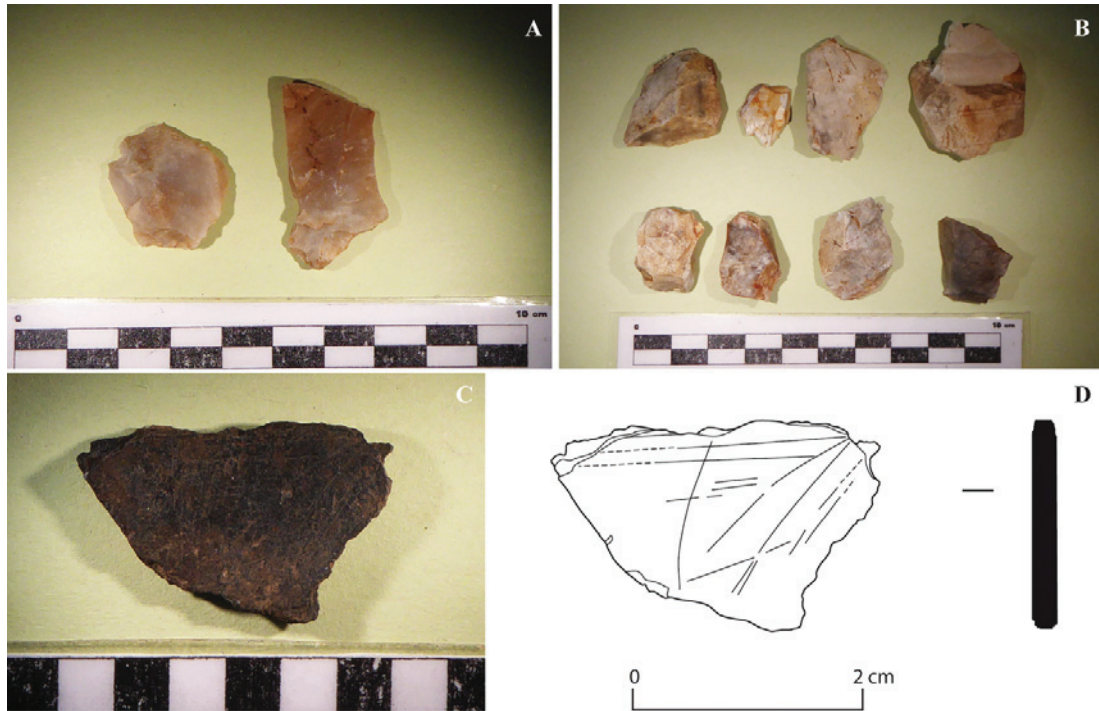


Figura 8 – Materiais arqueológicos: A – Lasca retocada e lasca; B – Conjunto do material lítico; C – Fragmento de xisto decorado; D – Fragmento de xisto decorado (desenho de Ana Neves).

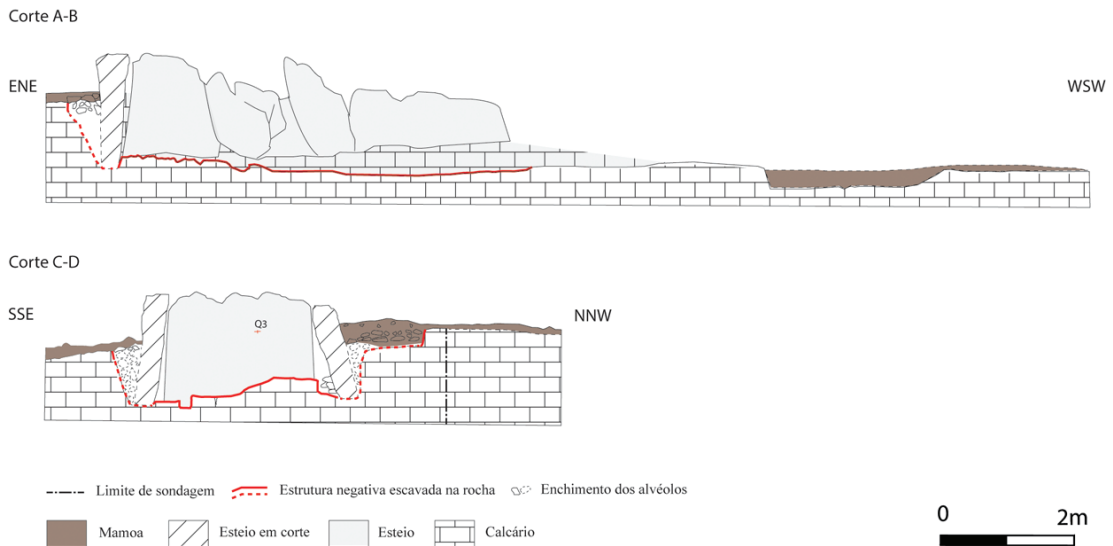
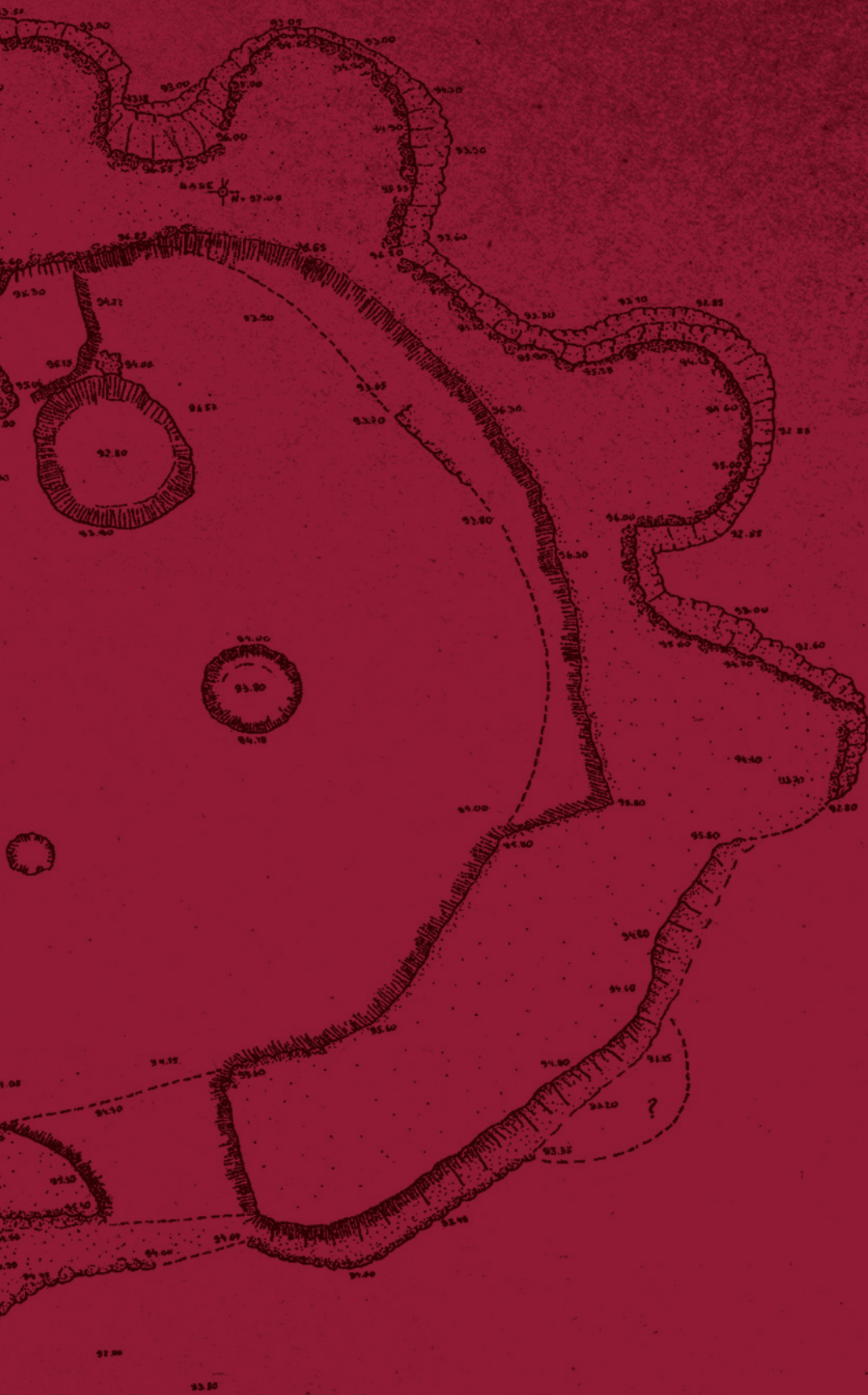


Figura 9 – Cortes da anta do Carrascal.



Figura 10 – A: Anta do Carrascal durante os trabalhos arqueológicos de 2016; B: Anta da Estria (imagem inédita de autor desconhecido em exposição na Biblioteca Municipal de Agualva-Cacém); C: Anta do Carrascal no final dos trabalhos arqueológicos em 2017.



Patrocinador oficial